

O PODER DA PERSUASÃO: O DISCURDO DE ALOYSIO NUNES PELA PERSPECTIVA DE PATRICK CHARAUDEAU

THE POWER OF PERSUASION: THE DISCOURSE OF ALOYSIO NUNES BY PATRICK CHARAUDEAU'S PERSPECTIVE

Hugo Rafael Soares

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
hugorafael@hotmail.com

Márcia Sueli Pereira da Silva Schneider

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
marciasschneiderfacebook@gmail.com

Greize Alves da Silva

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
greize_silva@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem por objetivo empreender uma análise discursiva no discurso proferido pelo Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Aloysio Nunes, em cerimônia de transição de cargo. A análise se passará sob a luz da Teoria de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau (1983). Compreendendo que o discurso é altamente estratégico, a principal finalidade é a persuasão do público-alvo. É visto que nesse uso da língua, sob o viés político, as intenções discursivas de um falante tornam-se ainda mais evidentes, demonstrando como a linguagem é capaz de convencer qualquer indivíduo. Dessa forma, tratamos, de forma breve, sobre os modos de organização de discurso argumentativo e os elementos que correspondem ao aspecto metodológico desse arcabouço para identificar os conceitos centrais de cunho intencional utilizadas por Aloysio Nunes.

Palavras-chave: Análise de discurso; Aloysio Nunes; Patrick Charaudeau.

Abstract: *This paper aims to undertake a discursive analysis in the speech given by the Brazilian Minister of Foreign Affairs, Aloysio Nunes, at (his) transition ceremony. The analysis will take place in the light of Patrick Charaudeau's Discourse Analysis Theory (1983). Understanding that speech is highly strategic, the main purpose is the persuasion of the target audience. It is seen that in this use of language, under the political bias, the discursive intentions of a speaker become even more evident, demonstrating how language is able to convince any individual. Thus, we deal briefly with the organizational modes of argumentative discourse and the elements that correspond to the methodological aspect of this framework to identify the central intentional concepts used by Aloysio Nunes.*

Introdução

O discurso político possui uma maneira clássica de se expressar. Portanto, não é de suma importância ser um pesquisador político, um grande estudioso na esfera linguística ou cientista político para saber que existem espaços onde o discurso político se desenrola, como, por exemplo, nos legislativos federais, estaduais e municipais, no executivo, na palavra do presidente da república, ministros da república e representantes de Estado.

Nos últimos tempos, os partidos e as assembleias mantiveram uma alta presença dos meios de comunicação anunciada, ou seja, falada, escrita, televisiva, cujo falatório político manifesta-se abertamente, passando a ser um espaço de construção de discurso. Segundo Charaudeau (apud PINTO, 2005), toda e qualquer fala declarada por um político é intitulada discurso político, devido ao seu alto poder de persuasão que pode levar ao convencimento de uma sociedade.

Aloysio Nunes, em seu discurso político de posse, permite que esse alto poder de persuasão descrito por Charaudeau (2008) produza esse efeito de convencer um corpo social. Os posicionamentos do ministro são capazes de intervir na formação de opinião pública por

meio das abordagens relatadas em sua fala. Os tópicos realizados por ele possuem respaldo na estrutura brasileira, em seus aspectos territoriais e recursos naturais: cobertura florestal, energia limpa, aptidão agrícola.

Com relação as estruturas populacionais e econômicas do Brasil, por se tratar de uma das maiores economias do mundo, capaz de atrair oportunidades de investidores no mercado interno. Como o ator global, o país possui uma influência peculiar, sua tradição histórica como membro da comunidade internacional e confiabilidade, tanto na diplomacia bilateral, quanto na multilateral, junto aos organismos internacionais, sendo reconhecido, quer, por sua qualidade própria, quer, por sua atuação agregadora e positiva.

Em seu discurso, Aloysio Nunes, apresenta propostas de várias naturezas. No que diz respeito ao comércio, apresentou o intuito de aumentar a concorrência comercial, de aplicações e investimentos de barganha tecnológica, as quais resultam em novas oportunidades para o aperfeiçoamento e evolução do país, por meio de negociações, que consagrem a correlação aliada com o bom funcionamento dos pilares centrais da ordem econômica mundial e a renovação do Mercosul. Em relação a isso, o ministro afirma seu propósito inicial de se constituir uma área de livre comércio e multiplicar seus acordos, não apenas com os países democráticos vizinhos, mas também com os blocos ao redor do mundo.

Apesar de o discurso de posse do novo chanceler ter sido parcialmente pequeno, ele buscou abordar todos os temas de grande importância, desde assuntos de política externa, até assuntos de caráter interno. Os pontos principais estão relacionados com as continuidades e melhorias da administração anterior, revelando o compromisso do atual ministro, mesmo que ocorra mudanças dos gestores.

Assim, esse trabalho tem como objetivo analisar o discurso de posse de Aloysio Nunes, à luz da teoria de Patrick Charaudeau, visando compreender os seus modos de organização discursiva.

O conceito de discurso

Charaudeau, (2008), ao defender um ponto de vista multidisciplinar da Análise do Discurso, conversa com várias disciplinas: psicologia social, ciências sociais, antropologia, as quais possuem grande importância para a caracterização das circunstâncias e das práticas sociais em que o discurso político se dá e exerce atividade.

O autor propõe-se, na tentativa de alcançar e compreender os acontecimentos políticos, trilhar o discurso como padrão central. A linguagem então, é entendida como sendo uma característica da ação política. Charaudeau (2008) afirma que o discurso político não é exclusivo apenas aos governantes, nem mesmo àqueles que pensam sobre a política; o seu sentido produz-se em função das interações e das identidades que dela participam. Como os de qualquer outra configuração discursiva, os discursos políticos, percorrem o centro dos grupos que os formam e entre diferentes grupos sociais e, ao se tornarem públicos, transformam-se e, assim, sofrem modificações.

O poder político, portanto, é consequência de uma representação adquirida e atribuída ao sujeito político que deve convencer as pessoas a respeito dos princípios que defende e assim elaborar para si uma característica idêntica em seu discurso, que vincule a teoria, à prática, o posicionamento ideológico e a estratégia de gestão do poder. A persuasão, é, portanto, fazer alguém acreditar, ou que comece a acreditar, em algo ou em alguém, e pode ser notada desde a Antiguidade como uma junção de aspectos racionais e emocionais presentes na exposição oral.

O discurso político

A apresentação do discurso político, segundo Charaudeau (2008), é sempre dirigida e, ao mesmo tempo, os receptores desse discurso, a população, é parte complementar dele. É a razão pela qual podemos dizer que os povos são responsáveis pelo regime político no qual eles vivem, por opinião pública que intervêm.

Com relação ao esse tipo de discurso, cabe neste momento, evidenciar suas características fundamentais e colocar em foco a relação próxima que determina todos os outros meios de criação de sentido.

O discurso político tem a necessidade de estabelecer a veracidade das informações proclamadas, característica primordial desse tipo de construção. Conforme colocado pelo autor, o discurso sofre diariamente a sua desconstrução, e assim, simultaneamente, apenas se constrói pela desconstrução de um outro discurso. É, portanto, ativo, rúptil e, naturalmente; demonstra sua situação provisória.

Analisar a palavra “*discurso*” é pensar, necessariamente, em governo e sua forma de realizar política por meio das declarações realizadas por dirigentes políticos, cuja fala percorre um vocabulário legítimo no que se referem aos seus costumes e condição. Charaudeau (2008) analisa a noção de discurso político em seus elementos principais: os contratos e estratégias do discurso político, as imagens dos atores políticos e os “*imaginários de verdade*”, noção que, segundo ele, abre perspectivas analíticas não alcançadas pela noção de ideologia.

Um discurso não é um texto, porém ele é carregado por textos. Nesse sentido, “um discurso nada mais é do que um texto o qual é portador de diversos discursos e um mesmo discurso é capaz de se impregnar a textos diferentes. (CHARAUDEAU, 2008).

Com base nesse último parágrafo, ao ler o discurso de transição de posse do então ministro das Relações Exteriores do Brasil, Aloysio Nunes, é possível notar, uma exposição oral cheia de tópicos e abordagens.

Modos de organização do discurso segundo Charaudeau

Os procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias de língua para ordená-las em função das finalidades discursivas do ato de comunicação podem ser agrupados em quatro modos de organização: *Enunciativo*, *Descritivo*, *Narrativo* e o *Argumentativo*. Cada um desses, pode ser considerado também como método de organização, pelo simples fato de cada um ser capaz de desempenhar uma *função* base e um princípio de organização.

O modo Enunciativo aponta a posição do sujeito enunciador em relação ao interlocutor, ao seu próprio discurso e a outros discursos. Ele intervém e comanda os outros modos. A enunciação é, portanto, constitutiva do ato de utilizar elementos do sistema da língua para atualizá-los no discurso. A enunciação manifesta-se na elocução de forma direta e indireta.

O modo Direto dá-se por meio das categorias da pessoa ou da designação, já o modo indireto ocorre por meio das categorias da qualificação ou da situação temporal. Os atos enunciativos correspondem a uma posição e ao comportamento particular do locutor, no entanto, seu ato de locução compõe a modalização.

Segundo Charaudeau (2008), o termo Descritivo é utilizado com o objetivo de definir um procedimento discursivo, o qual chamamos de métodos ou modos de organização do discurso, e o vocábulo “*descrição*” emprega-se para definir um texto que se apresenta explicitamente como tal, portanto, a descrição é um resultado; por outro lado, o descritivo é um processo de análise de discurso.

Tais considerações explicam que o *descritivo* possa combinar-se com o *narrativo* e o *argumentativo*, no âmbito de um mesmo texto, e que um texto possa ser organizado de maneira descritiva, ora em sua totalidade, ora em partes. De acordo com o autor, o modo descritivo é a maneira de organização capaz de intervir tanto em textos literários quanto em textos não-literários.

Trazendo uma narrativa contrária da apresentada pelo descritivo, o modo de organização narrativo expressa uma continuação das ações que se persuadem umas às outras e que sofrem modificação gradualmente, promovendo de forma sucessiva e contínua uma harmonia, a qual é notada desde a sua introdução até a conclusão.

Com relação à *Argumentação*, é essencial que haja uma proposta sobre o mundo que provoque uma indagação em alguém, um sujeito que se engaje em relação a esse questionamento e desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade que seja também legítima e, por fim, um outro sujeito que, com a mesma proposta, gere um questionamento e apresente a verdade, constituindo um alvo da argumentação. A argumentação define-se, portanto, numa relação entre

um sujeito capaz de argumentar uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo.

Para Charaudeau (2008), o argumentativo, como modo de organização do discurso, constitui a mecânica que permite produzir argumentações sob essas diferentes formas. Esse modo tem por função permitir a construção de explicações sobre asserções feitas acerca do mundo, numa dupla perspectiva de razão demonstrativa e razão persuasiva. Trazendo o foco para a razão persuasiva, notamos que ela se baseia num mecanismo que busca estabelecer a prova com a ajuda de argumentos que justifiquem as propostas a respeito do mundo, e as relações de causalidade que unem as asserções umas às outras.

Argumentar, convencer e persuadir: à guisa dos dados

Segundo Abreu (1999), quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize. Muitas vezes, podemos convencer as pessoas, mas não conseguimos persuadi-las. Podemos convencer um filho de que estudar é importante e, apesar disso, ele pode continuar desinteressado com suas tarefas escolares. Podemos convencer um fumante de que o cigarro faz mal à saúde, e, apesar disso, ele continuar fumando.

No entanto, Abreu apresenta um questionamento de como seria possível diferenciar as formas de convencer e persuadir. Ele explica que convencer está mais relacionado com o campo das ideias, apresentando uma nova forma de cumprir o propósito que se deseja alcançar. Por outro lado, quando convencemos alguém, somos capazes de influenciar as pessoas a pensar da mesma forma que nós pensamos, atingindo assim o seu ápice. Com isso, persuadir nada mais é do que acrescentar algo na área das emoções, é sensibilizar o outro no intuito de agir (ABREU, 2001). Segundo ao autor,

Argumentar é, pois, em última análise, a arte de, gerenciando informação, convencer o outro de alguma coisa no plano das ideias e de, gerenciando relação, persuadi-lo, no plano das emoções, a fazer alguma coisa que nós desejamos que ele faça. (ABREU, 1999).

De acordo com as colocações de Abreu, ao iniciar um processo argumentativo visando ao convencimento, não devemos propor de imediato nossa tese principal, “a ideia que queremos vender”, devemos, anteriormente, preparar o terreno para ela, propondo alguma outra tese, com a qual nosso auditório possa antes concordar.

Isso pode ser observado no discurso do Aloysio Nunes, o qual aponta diversos temas, e cada um deles surge com o intuito de “preparar o terreno”, a fim de estabelecer um ambiente agradável e sem nenhum tipo de conflito, demonstrando as boas relações e suas continuidade com relação a política interna e externa brasileira. O fato ocorre por conta de declarações realizadas que são capazes de compromete-lo.

Dessa maneira, podemos encontrar, a utilização de recursos retóricos e procedimentos linguísticos como meios de persuasão, na tentativa de conquistar a opinião de especialistas da área internacional, setor midiático e, por fim, o eleitorado, garantindo assim uma maior representatividade popular.

Nesta seção, portanto, observaremos como Aloysio Nunes apresenta-se em seu discurso de posse, diante do público-alvo, especialistas internacionais, mídia e eleitorado. Portanto, é necessário enfatizar que os exemplos aqui destacados são recortes realizados utilizando o texto-base do discurso do ministro, evidenciando pontos persuasivos no decorrer do sermão.

Exemplo 1:

“Querido amigo José Serra, mais uma vez nos encontramos nesta mesma longa estrada de vida pública que desde jovens decidimos trilhar, e a cujo percurso sempre dedicamos o melhor de nossas energias. Você é, sem dúvida, um dos mais destacados líderes políticos de nossa geração. Tive a honra de trabalhar sob sua direção na Prefeitura de São Paulo e no Governo de nosso Estado, e testemunhei de perto, até com sacrifício de minhas rotinas domésticas, a sua devoção à causa pública, o rigor na administração, sua capacidade de reunir e entusiasmar as equipes ao seu redor e a solidariedade fraterna com que você sempre distinguiu a todos, e a mim pessoalmente” (Nunes, 2017)

Neste primeiro exemplo, notamos que o ministro Aloysio Nunes, ao introduzir seu discurso, estabelece uma relação de intimidade com o ex-ministro José Serra, quando insere em sua fala, *“Querido amigo José Serra”*. Esse vocativo cria não só um ambiente de boas relações, mas também demonstra uma continuidade do trabalho de José Serra, na busca de convencer o interlocutor e assim garantir a atenção do público do ex-ministro. Portanto, diante do contexto político, essa relação de “amizade” e boas relações induz o escopo das relações, ainda mais se tratando do atual cenário político.

O ministro busca demonstrar a “competência”, de José Serra ao apresentar e enaltecer a sua participação como representante das Relações Exteriores em diversos momentos. Aloysio Nunes realiza elogios à José Serra, na tentativa de persuadir o interlocutor por meio de características atribuídas a ele, demonstrando ser Serra alguém preocupado com a causa pública, com capacidade de reunir e entusiasmar pessoas, com solidariedade fraterna e, principalmente, competência para o trabalho, mas que deixará seu legado, voltado para a credibilidade do ator político diante da sua saída devido a problemas de saúde.

Exemplo 2:

“Quero dar seguimento às ações de maior aproximação entre o Mercosul e os países da Aliança do Pacífico. Está marcado para o começo de abril um encontro nosso com os chanceleres de Chile, Colômbia, México e Peru.”

“A situação na Venezuela continua a nos preocupar. Queremos uma Venezuela próspera e democrática, sem presos políticos e com respeito à independência dos poderes, um país irmão capaz de reencontrar o caminho do progresso para o bem de sua gente.” (Nunes, 2017)

Nesse segundo exemplo, o ministro Aloysio Nunes, instaura o “jogo das máscaras”, tão presente nesse discurso. O ministro irá se defender de toda e qualquer ameaça que foi criada por conta da saída do ex-ministro, José Serra, demonstrando sua união e boa relação, não apenas com o atual presidente, mas com o ex-ministro, afirmando que terá uma enorme participação nas diversas realizações do governo Temer (2017). E, uma dessas realizações, está atrelada ao contexto do Mercosul e os países da Aliança do Pacífico.

Isso fica expressamente perceptível quando diz *“Quero dar seguimento...”*. Nesse tipo de evocação, notamos uma espécie de continuação, desenvolvimento e prosseguimento em políticas externas. O ministro ressalta e reforça a forma que esse *“seguimento”* será realizado, apresentando uma *“aproximação”* em um *“encontro marcado para o começo de abril com os chanceleres do Chile, Colômbia, México e Peru”*.

Há também certa *“preocupação”* com um dos países-membros do Mercosul, a Venezuela. O país vive em sua atual política, algo que pode comprometer a democracia e a futura *“aproximação”* entre os dois países com o bloco econômico: *“Queremos uma Venezuela próspera e democrática, sem presos políticos e com respeito à independência dos poderes...”*. Ao utilizar a palavra *“Queremos”*, notamos o interesse existente e quais são os atores responsáveis por esse *“querer”*, visando algum tipo de relação em benefício entre ambos os países.

Em seu discurso, ao se reportar ao Mercosul, mais especificamente em relação à Venezuela, Aloysio Nunes exige *“uma Venezuela próspera e democrática”*, mas, quais seriam os reais motivos e intenções do atual governo em relação àquele país, tendo em vista que o entendimento do conceito de democracia atrela-se a diversos fatores para ser consolidado, dentre eles, valores culturais e religiosos.

Exemplo 3:

“Não devemos esquecer o compromisso histórico e o interesse cada vez maior pelas relações com nossos parceiros no mundo em desenvolvimento. Sem descuidar das convergências que temos entre nós, é hora de concretizar as muitas oportunidades para um comércio ampliado, para

investimentos recíprocos e para parcerias empresariais.” (Nunes, 2017)

Nesse terceiro exemplo ocorre uma busca detalhada de sobreposições e indicações que podem comprometer ainda mais o discurso, com a utilização, por parte do locutor, no que se refere à palavras negativas e um comprometimento bilateral entre o locutor e o interlocutor. Em sua frase, logo no início, “*Não devemos esquecer o compromisso...*”, o “*não devemos*” é visto como uma ordem, claramente notada por meio do verbo “*dever*”, o qual é direcionada a todos “*nós*” juntamente com o advérbio de negação.

A utilização do pronome pessoal “*nós*” possui um certo grau de intimidade entre o locutor e o interlocutor, ou seja, quando se apresenta um problema, afim de resolve-lo introduz-se mais pessoas, no caso, uma sociedade, a qual possuirá uma nova atribuição colaborativa junto com o locutor, mas esse tipo de associação pode ser considerado mal interpretada pelo interlocutor.

Considerações finais

Ponderações e dúvidas marcaram o discurso argumentativo do ministro Aloysio Nunes acerca dos diversos temas sobre política interna e externa. É possível notar que houve poucos esclarecimentos do que realmente o ministro tinha a dizer em seu discurso.

Contudo, existe um jogo discursivo basicamente proposital, ou seja, nada é emitido em vão, sem antes ser sustentável, por meio de um objetivo com a intenção de induzir ou provocar alguma vontade no interlocutor, neste caso, o telespectador, leitor e eleitor, pelo fato de se tratar de um discurso político.

A disposição permite uma organização dos argumentos, de forma que os discursos se apresente de forma clara, entre a informação proferida e o convencimento. Por vezes, o clímax está no meio do discurso, como foi visto no decorrer dos três temas. Em todos os casos aqui vistos, a argumentação do ministro é deliberadamente construída de forma a envolver e persuadir o seu público-alvo.

Alguns recursos foram bastante utilizados pelo ministro, com diversas representações sendo fundamentadas ao longo do discurso, com uma imagem de um político competente, de caráter, sério, experiente, entre outras características bem comuns nos demais políticos atuais.

Além desse recurso de “bom moço”, o ministro utiliza alguns métodos com relação a expressividade, pois eles estão ligados à sua oralidade, a forma de falar, uma característica da enunciação política: calma ao falar e uma boa condução discursiva. Esses são os principais métodos para uma busca contínua de conquistar e atrair a sociedade.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar gerenciando razão e emoção**. 1. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. v. 1. 139p.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. (Organização: Aparecida Lino Pauliukonis e Ida Lúcia Machado; coordenação da equipe de tradução: Angela M.S. Corrêa e Ida Lúcia Machado) São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Elementos para uma análise de discurso político**. Barbarói (USCS), v. 24, p. 87-118, 2006.

NUNES, ALOYSIO. **Texto-base para o discurso de posse do Ministro de Estado das Relações Exteriores**. Palácio Itamaraty, 7 de março de 2017. Ministério das Relações Exteriores. Brasília, 2017.